

AUGUSTO LA FERE

SEM REGISTRO



Uma Trilogia para Pensar a Geração *Brain Rot*

ARS VERBI

SEM REGISTRO

Uma Trilogia para Pensar a Geração Brain Rot

AUGUSTO LA FERE

SEM REGISTRO

Uma Trilogia para Pensar a Geração Brain Rot

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2026

CRÉDITOS

Sem Registro

Uma Trilogia para Pensar a Geração Brain Rot

© 2026 Augusto La Fere

Publicado por *Ars Verbi™*

Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital

ISBN: 978-65-988753-0-5

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0). Esta licença se aplica ao compartilhamento pela comunidade leitora. O autor mantém os direitos para a exploração comercial desta edição. Você pode compartilhar e adaptar esta obra, desde que:

- Atribua o crédito ao autor;
- Não a utilize para fins comerciais;
- Publique obras derivadas sob a mesma licença.

Para mais detalhes, visite:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

<https://arsverbi.com.br>

DEDICATÓRIA

Para o que mora no fundo da gaveta,
no brilho da tela apagada,
no meio da frase que não veio.

Para quem segura o peso leve do silêncio,
quem abre o aplicativo e esquece a mão,
quem carrega a ausência como um segundo
corpo.

Para quem sente antes de saber,
quem lembra sem imagem,
quem fica mesmo quando não responde.

Para quem ainda pousa os olhos no papel,
quem atravessa este livro sem sinal,
quem chega até aqui —
mesmo sem saber o que veio buscar.

Para tudo o que já se perdeu dentro de mim.

Para o que, perdido, ainda dobra a esquina.

“Tornou-se chocantemente óbvio que a nossa tecnologia
excedeu a nossa humanidade.”

— atribuída a Albert Einstein
(frase do filme *Energia Pura*, 1995)

SUMÁRIO

PRÓLOGO	vii
SEM MEMÓRIA	1
INTERLÚDIO I	85
SEM NOTIFICAÇÃO	90
INTERLÚDIO II	159
SEM SINAL	165
EPÍLOGO	248

PRÓLOGO

Nem tudo se perdeu de uma vez.

Houve primeiro um enfraquecimento da luz sobre as coisas mais simples. A mesa já não sustentava a mesma presença. O copo sobre a pia parecia abandonado há mais tempo do que realmente estivera. A tarde entrava pela janela com sua claridade habitual, mas encontrava os objetos como se eles próprios tivessem recuado um passo. Nada faltava, e, no entanto, tudo chegava menor. O mundo conservava sua forma e já não conservava seu peso.

Foi assim que começou: sem anúncio, sem fenda visível, sem ruína bastante sonora para obrigar o coração a aprender um nome novo para o medo. Começou no quase. Num pequeno atraso entre ver e reconhecer. Num esforço desproporcional para recolher um rosto, uma palavra, a razão exata de ter entrado num cômodo. Começou quando a lembrança deixou de vir inteira e

passou a surgir como vem uma figura sob água turva: presente, mas instável; próxima, mas incapaz de repousar na mão de quem a busca.

O que se perde devagar não pede luto imediato. Mistura-se ao costume. Disfarça-se de cansaço. Veste a máscara banal das distrações do dia. A casa continua de pé. Os aparelhos continuam acesos. A rua continua recebendo passos. As vozes continuam atravessando os corredores. Tudo segue em funcionamento, e é justamente por isso que a perda encontra abrigo. Ela não derruba o teto. Corrói a espessura do ar. Não apaga as coisas. Retira delas a permanência. Não rouba o mundo. Torna o mundo leve demais.

Houve um tempo em que a memória descia fundo. Um gesto sobrevivia ao seu instante. Uma frase escutada à tarde continuava respirando à noite. O rosto de alguém permanecia depois da despedida, não como imagem fixa, mas como calor, inclinação, vestígio interior. Até o silêncio possuía duração. Até a espera tinha matéria. Entre a experiência e sua permanência havia uma continuidade

discreta, quase humilde, mas firme o bastante para que a vida não se quebrasse a cada hora.

Depois vieram as superfícies.

Vieram as imagens em quantidade maior do que o olho podia amar. Vieram os chamados curtos, os ruídos breves, as promessas de urgência, os pequenos brilhos acesos no escuro como insetos frios. Vieram as mensagens sem corpo, as vozes sem demora, as presenças que surgiam apenas para exigir resposta antes de sumirem de novo. O espírito, cercado de convocações, desaprendeu a pousar. A atenção já não se demorava, apenas saltava. Já não penetrava, apenas roçava. Já não fazia morada, apenas registrava o impacto e passava adiante, ferida e faminta.

E a fome cresceu. Não a fome limpa, que sabe o nome do que deseja, mas outra, mais baixa e mais confusa, feita de impulsos sucessivos, de expectativas sem objeto, de uma inquietação que se deslocava de imagem em imagem sem jamais se cumprir. Havia sempre algo por vir e, quando

vinha, já trazia a exaustão do que viera antes. O coração passou a esperar sem saber o quê. A mão passou a procurar antes do chamado. O olhar passou a obedecer a sinais que, muitas vezes, nem existiam. Bastava a possibilidade do brilho para que o corpo inteiro se curvasse à sua promessa.

Foi então que a vida começou a rarear por dentro.

A cama deixou de ser apenas repouso e se tornou posto de vigília. O quarto deixou de ser recolhimento e se tornou câmara de ecos, iluminada a intervalos pela respiração elétrica dos aparelhos. A mesa deixou de ser lugar de presença e se tornou superfície de restos: um copo pela metade, um cabo enrolado, uma colher esquecida, a marca circular de uma xícara já fria. Até os objetos mais imóveis pareciam cansados. Como se também eles, submetidos à sucessão dos dias partidos, tivessem perdido o antigo direito ao repouso.

A memória, aos poucos, mudou de natureza.

Já não era casa. Já não recolhia os dias em seus compartimentos de sombra, onde cada coisa podia envelhecer sem desaparecer. Tornou-se corredor. Lugar de passagem, de aparições breves, de retornos truncados. As lembranças vinham aos pedaços. Um portão. Um pescoço inclinado. O rumor de talheres. Um azulejo úmido. Um nome parado à beira da língua como quem hesita à porta de um lugar devastado. Nada se oferecia por inteiro. O passado já não regressava, cintilava. E cintilar é uma forma fraca de permanecer.

Também a presença se alterou.

Antes, o outro chegava com peso: voz, corpo, hesitação, respiração, silêncio dividido no mesmo espaço. Agora surgia como lampejo, ícone, aviso, oscilação. Um nome acendendo e apagando. Um círculo de espera. Uma barra instável. Um sinal bastante forte para inquietar, fraco demais para sustentar encontro. A proximidade multiplicou-se, mas veio esvaziada. Havia acesso por toda parte e contato em parte

alguma. Havia resposta sem convivência, emissão sem entrega, visibilidade sem amparo. O vínculo, ferido de intermitência, passou a viver dessa pobreza luminosa.

Nada disso aconteceu de uma só vez. Foi uma água escura correndo sob a casa. Uma subtração paciente. Uma obra de desgaste tão minuciosa que, por muito tempo, pareceu apenas o nome adulto da rotina. Mas havia sinais. Pequenos, insistentes, humilhantes. O gesto repetido sem finalidade. A mão indo ao bolso antes do toque. Os olhos acordando no meio da noite para uma claridade que não acendera. A sensação de ter sido chamado quando nada soara. O mal-estar difuso diante da sucessão de horas cheias e estranhamente vazias, como se os dias se consumissem em excesso e, ainda assim, chegassem ao fim sem deixar prova de si.

Com o tempo, até o silêncio adoeceu.

Já não era descida, nem câmara funda onde as coisas encontravam decantação. Tornou-se um silêncio congestionado, cheio de resíduos, de

frases interrompidas, de ecos sem origem nítida. Mesmo quando tudo parecia imóvel, havia alguma vibração remanescente no ar, como se o mundo, incapaz de recolher-se, continuasse emitindo sinais para ninguém. A noite já não cobria as coisas com sua gravidade. Mantinha-as suspensas. Inacabadas. À espera de outro estímulo, outro ruído, outra interrupção. O escuro deixou de ser escuro. Conservou, no fundo, uma luz estrangeira.

Ainda assim, alguma coisa resistia no fundo dessa erosão.

Não como força. Não como pureza. Resistia como resiste uma brasa muito funda, coberta por camadas de cinza e quase sem ar. Resistia como incômodo. Como tristeza sem cena. Como a percepção crescente de que havia uma diminuição em curso. O mundo empobrecia e essa pobreza doía. Os vínculos empobreciam e essa pobreza doía. A própria interioridade, repartida em fragmentos, começava a doer como doem as coisas que ainda não morreram, mas já não sabem inteiramente como viver.

Talvez tenha sido esse o momento mais grave.

Não quando a falha apareceu, mas quando deixou de parecer acidente e passou a revelar um regime. Quando o sujeito percebeu que já não perdia apenas nomes, instantes ou objetos, mas a própria continuidade pela qual um nome, um instante e um objeto podem pertencer a uma vida. Havia memória, mas ferida. Havia atenção, mas quebrada. Havia presença, mas exausta. Havia mundo, mas como mundo visto através de uma película cansada, uma camada de ruído, um vidro baço contra o qual o rosto tocava sem realmente atravessar.

Então veio a suspeita mais escura: a de que a alma pudesse acostumar-se.

Acostumar-se ao pouco. À cintilação no lugar da duração. Ao sinal no lugar do encontro. Ao reflexo no lugar da experiência. Acostumar-se à pobreza sem nomeá-la, à perda sem velá-la, ao esgotamento sem cerimônia. Viver assim, entre clarões breves e restos de atenção, até já não

saber que outro peso as coisas tiveram um dia. Até chamar de normal o que era apenas ruína tornada hábito.

Mas nem tudo se perdeu de uma vez.

Porque ainda havia dor. E a dor, quando permanece, é uma forma amarga de fidelidade. Ela diz que algo reconheceu a perda. Que algo, mesmo ferido, ainda mede a distância entre o que existe e o que foi retirado da existência. Enquanto houver essa tristeza sem repouso diante do empobrecimento do mundo, haverá um resto insubmisso sob os escombros. Não um resto redentor. Apenas um resto vivo. Vivo o bastante para sentir o frio que caiu sobre as coisas. Vivo o bastante para perceber que os dias já não pousam como antes. Vivo o bastante para acompanhar, sem consolo e sem ornamento, a lenta retirada de tudo o que um dia pareceu capaz de durar.

SEM MEMÓRIA



[Início]

Não sei quando começou. Talvez tenha sido numa tarde comum, quando um nome me escapou no meio da frase. Ou numa noite em que não reconheci uma rua onde morei. Não houve acidente, nem anúncio: apenas um lento deslocamento das coisas para fora de mim.

No início, pensei que fosse descuido. Que bastaria fechar os olhos e insistir, como quem procura uma fotografia na gaveta errada. Mas as imagens voltavam borradas, e os sons, trocados. As histórias que eu contava começaram a se encolher, até restarem só cenas isoladas — um cheiro, um objeto, um gesto que não leva a lugar nenhum.

Guardo lembranças como se fossem arquivos. Alguns ainda têm nome. Outros mostram apenas a data. Há os que se abrem, mas estão

vazios. Tento ordená-los, mas a pasta muda de lugar enquanto durmo.

Escrever isto é como tentar segurar água nas mãos: não impede que escorra, mas deixa um rastro no caminho. Talvez seja só para me lembrar, mais tarde, de que houve um tempo em que eu lembrava.

Poema 1

Era verão de 1979, e o ventilador antigo rodava lento, espalhando um ar quente que fazia as paredes suarem. Eu estava sentado na varanda, um caderno aberto no colo, copiando as letras grandes da cartilha amarelada. O cheiro do café fresco vinha da cozinha, onde minha mãe falava baixinho com a vizinha, contando histórias de infância. A luz da manhã desenhava sombras longas, e tudo parecia prometer dias que jamais se apagariam.

Poema 2

Em 1980, as férias escolares tinham sabor de manga madura. Eu e meu irmão corríamos descalços pela rua de terra, onde as pedras quentes faziam cócegas nos pés. Na pequena banca de revistas, o jornal vinha com fotos preto e branco, e meu pai dizia que o mundo estava mudando rápido demais para se entender. À noite, o rádio tocava músicas de Roberto Carlos e eu tentava decifrar as letras que falavam de amores impossíveis.

Poema 3

Foi em 1981 que ganhei meu primeiro walkman, um aparelho pesado e azul, com fitas K7 que minha mãe comprava numa loja de discos na cidade. Eu andava horas pela vizinhança, ouvindo canções que me faziam sentir que tudo era possível, mesmo que os vizinhos estranhassem aquele objeto colado às orelhas. O sol se punha no horizonte, e eu imaginava histórias para cada música, como se elas guardassem segredos que só eu pudesse desvendar.

Poema 4

No verão de 1982, as tardes tinham cheiro de chuva e de terra molhada. Eu brincava com um carrinho de plástico no quintal, enquanto minha avó preparava o almoço, cantando uma melodia antiga que parecia atravessar gerações. O rádio antigo da sala tocava notícias da televisão que ainda não tinha chegado a todas as casas. Era um tempo em que o mundo parecia pequeno, e cada dia guardava uma surpresa a ser descoberta.

Poema 5

Em 1983, as cartas ainda eram o principal meio de comunicação entre minha tia que morava longe e a nossa casa cheia de cheiro de mato. Eu esperava ansioso pelas folhas cheias de palavras escritas à mão, com selos coloridos e desenhos nas margens. No quarto, um pôster desbotado do filme “E.T.” pendia na parede, e eu sonhava com viagens espaciais, mesmo sem saber muito bem o que aquilo significava.

Poema 6

O inverno de 1984 trouxe noites longas e frias, em que o cheiro da lenha queimando invadia a cozinha e fazia o vapor subir das panelas. Minha avó me contava histórias que pareciam saídas de um livro antigo, enquanto eu tentava me aquecer nas mantas grossas. A televisão preto e branco exibia programas que hoje soam como fantasias, mas que para mim eram a janela para um mundo maior.

Poema 7

1985 foi o ano em que os discos de vinil ainda eram reis, e a vitrola tocava sucessos que faziam a casa inteira dançar. Meu pai ajustava o braço com cuidado, enquanto eu observava cada movimento, fascinado. Na escola, as provas vinham escritas à mão, e eu acreditava que cada palavra carregava um peso de verdade. Mas, por trás disso tudo, começavam a surgir dúvidas que eu ainda não sabia nomear, como uma sombra discreta no canto do quarto.

Poema 8

Em 1986, o rádio despertava as manhãs com notícias e músicas que cruzavam o país. Eu me sentava na cozinha, ouvindo os comentários do locutor, tentando entender o mundo que parecia virar de cabeça para baixo. Minha mãe preparava o café, e às vezes eu me perguntava se as palavras que ouvia eram tão certas quanto o cheiro do pão fresco. A memória dessas manhãs é clara, mas, às vezes, um fragmento escapa, como se o tempo já começasse a brincar de esconde-esconde.

Poema 9

No outono de 1987, as folhas secas cobriam as calçadas enquanto eu caminhava para a escola. Os cadernos ainda tinham páginas amareladas, e as canetas tinteiro eram meu instrumento favorito. Na rua, as bicicletas passavam velozes, e o som dos pneus sobre o paralelepípedo criava uma melodia familiar. Mas há dias em que me pego duvidando se era exatamente assim, ou se misturo lembranças de outras estações, de outras cidades que nunca visitei.

Poema 10

1988 trouxe o calor do verão e a chegada das primeiras câmeras descartáveis. Eu segurava uma nas mãos, fascinado pela promessa de capturar momentos que poderiam durar para sempre. Tirava fotos dos amigos, das árvores do quintal, do céu azul que parecia não ter fim. Ainda lembro do clique, do som mecânico, da espera pela revelação; mas não sei se todas as imagens que guardo foram capturadas naquele verão, ou se algumas nasceram na minha imaginação.

Poema 11

No inverno de 1989, as noites eram longas e silenciosas, iluminadas apenas pelas luzes distantes da cidade. Eu escrevia em um diário que escondia sob o travesseiro, tentando dar sentido aos pensamentos que não encontravam voz. A televisão, agora colorida, mostrava programas que pareciam falar de mundos distantes, quase inacessíveis. Ainda sinto o peso das palavras escritas, mas também a fragilidade daquele eu que tentava lembrar, mesmo quando a memória começava a fraquejar.

Poema 12

No meio daquele ano, ganhei um relógio digital, com números vermelhos que piscavam na penumbra. Ele marcava as horas com precisão, mas nem sempre conseguia acompanhar o ritmo dos meus dias. As lembranças desse presente são vívidas, mas as horas que ele guardava escorrem entre os dedos, como areia fina que não consigo segurar.

Poema 13

Em uma festa de aniversário, lembro dos sorrisos, dos balões coloridos e do cheiro doce do bolo de chocolate. A música alta preenchia o salão, vozes misturando-se em risadas e conversas. No entanto, às vezes, confundo o rosto das pessoas que estavam ali, e as memórias se embaralham como fitas soltas, quase perdidas no tempo.

Poema 14

O outono seguia seu curso, com tardes douradas e ventos suaves que balançavam as cortinas da casa. Eu sentava na janela, observando as nuvens que deslizavam pelo céu, deixando formas que contava para mim mesmo. Embora essas imagens sejam fortes, sinto que algumas são sombras de sombras, reflexos distantes de dias que talvez nunca tenham sido assim.

No fim daquele ano, o inverno parecia mais longo e pesado. As janelas embaçadas guardavam o silêncio das manhãs frias; eu me agarrava às lembranças como quem segura um cobertor rasgado. A voz da minha avó ecoava distante, contando histórias antigas que agora me escapam em detalhes. Tento lembrar o sabor da sopa que ela fazia, mas tudo que me resta é o calor vago que preenchia a cozinha.

O telefone preto, com seu disco giratório, tornou-se testemunha de conversas que eu mal consigo reconstruir. Às vezes, ele tocava à noite; todos paravam para ouvir — mas quem estava do outro lado? Memórias se desfazem como fios soltos, e me pergunto se a ligação aconteceu ou se foi só um som que preencheu o vazio.

Na feira, as vozes se misturavam com o cheiro de frutas frescas e especiarias. Segurava a mão da minha mãe, mas não consigo lembrar se o vestido dela era azul ou branco, nem se a goiaba que escolhi era a favorita dela ou minha. O tempo dobra as imagens, e as cores se tornam sombras que flutuam no esquecimento.

O Natal chegava com sua luz suave e familiar, mas a asa quebrada do anjo no topo da árvore parecia refletir a fragilidade crescente das lembranças. Minha mãe consertava-a a cada ano, como se o gesto pudesse preservar a festa inteira — mas sinto que mesmo a luz mais brilhante não impede o desvanecer do que foi.

Sábados começavam com o cheiro do pão assando e a música no rádio, mas as vozes das conversas que me cercavam se tornam ecos distantes. Recortava imagens no jornal, criando histórias que talvez nunca tenham sido verdadeiras. A tinta seca é sólida, mas as palavras e rostos que ela acompanha se dissolvem no ar.

No fundo da gaveta, um caderno azul com letras tortas guarda um eu que já não reconheço. Escrevi nomes, cores, canções, como se ao registrá-los pudesse prendê-los no tempo. Quando releio, percebo que a mão que escreveu e a que lê são diferentes, e que o passado é um território em movimento, onde o que foi nunca permanece igual.

No pulso, o relógio digital piscava números vermelhos — exatos, impassíveis. As horas corriam, e eu tentava alcançar o tempo que escorria entre os dedos, como areia fina. As conversas ao redor já não tinham o mesmo tom firme; repetições surgiam, hesitações nas palavras, como se o silêncio invadissem o espaço entre elas. Ainda assim, havia cenas claras — o anúncio na TV, a voz distante do locutor falando de um mundo que mudava rápido demais.

A primeira vez que vi um computador em casa, grande e pesado, com tela fosca e teclas que ressoavam como martelos. Tentava entender aquele universo de códigos e janelas, enquanto o modem berrava sua conexão incerta. No fundo, a memória se fragmentava: o rosto do técnico que instalava o aparelho, o barulho das teclas, o brilho estranho da tela. Mas os detalhes escapavam, retalhos soltos, ainda sem forma.

No quintal, as árvores permaneciam firmes, mas o chão parecia diferente — menos pegadas, mais silêncio. A voz da minha mãe vinha de dentro da casa, chamando para o almoço, um chamado que não chegava inteiro, diluído em ecos. As palavras se repetiam, quebradas, como disco riscado, e eu tentava capturar a fala, mas só alcançava fragmentos, pedaços soltos de diálogo que escapava.

Na televisão, imagens rápidas — comerciais, noticiários, cenas fragmentadas — corriam numa sequência ininterrupta. O olhar tentava seguir, mas a mente se perdia entre os cortes, buscando sentido onde só havia ruído. As vozes confundiam-se com a estática, rostos eram máscaras de um tempo que deslizava para fora do alcance, e a memória, cansada, se agarrava às poucas palavras reconhecíveis.

Na prateleira, fitas K7 com músicas que me embalavam há anos. A fita enrolada em volta do carrete, o som estalado, a voz conhecida que de repente sumia, deixando apenas silêncio. A sensação de perda misturava-se ao desejo de lembrar, um vaivém constante entre o completo e o vazio, onde o tempo parecia romper-se em fragmentos que já não sabiam seu lugar.

Na manhã cinzenta, o som do pager vibrava discreto no bolso. Mensagens curtas, palavras truncadas, ecos que às vezes chegavam com atraso. Tentava decifrar o significado, mas a comunicação já mostrava falhas, como se a distância entre signos aumentasse sem aviso. O que antes era conversa fluida, agora era código quebrado, murmúrio entre ruídos.

No fim da tarde, as ruas ganhavam sombra e o barulho dos carros se confundia com vozes distantes. Eu caminhava com as mãos nos bolsos, tentando lembrar se aquele era o caminho certo ou memória inventada que tomava forma diante dos olhos. As luzes começaram a piscar, e a certeza virou dúvida, o mapa do passado desdobrando-se em versões possíveis.

No rádio, uma canção antiga misturava-se à estática, vozes sobrepostas que quase formavam palavras. O ritmo insistia, repetindo-se como eco que quer se fixar na memória. Era como se o tempo se desdobrasse, e cada nota fosse passo hesitante em direção ao silêncio, enquanto eu tentava segurar fragmentos que escapavam entre os dedos.

O disquete guardava arquivos que pareciam mapas de território que já não conheço. Tentava abrir pastas, mas letras se embaralhavam, imagens perdidas entre pixels que se desfaziam. Era como olhar para espelho trincado, onde meu reflexo vinha fragmentado, vislumbre do que fui, perdido no fluxo digital que não compreendia por completo.

Na tela, o cursor piscava constante, farol na escuridão do texto ainda por escrever. As palavras vinham aos poucos, às vezes completas, outras interrompidas, como se o ato de narrar fosse combate contra o esquecimento. Eu tentava construir pontes entre passado e presente, mesmo sabendo que algumas dessas pontes já ruíram.

O modem chiava baixinho, um som que quase esquecia, um sussurro antigo que atravessava a casa em silêncio, entre fios invisíveis, histórias chegavam desconexas, como vozes fragmentadas, sombras que tentavam se fixar, escapando, porém, antes de ganharem forma completa.

As mensagens chegavam em pedaços, palavras dispersas, conversas interrompidas que o tempo dividia,
palavras que flutuavam, ora claras, ora sombrias, tentativas de juntar sentidos quebrados, um esforço para segurar o que já começava a fugir.

Na tela, sombras surgiam e desapareciam suavemente, rostos borrados que dançavam entre a luz e a sombra, sorrisos tímidos, memórias que queriam se afirmar, mas que se desfaziam sob o brilho do amanhecer, como neblina que se dissolve com o calor do sol.

Pastas antigas guardavam nomes que já não
sabia ler,
arquivos fechados, quase esquecidos, à espera de
uma chave,
ecos de vozes que nunca chegaram a se formar
por completo,
silêncios preenchendo os espaços vazios do
digital,
um lugar onde passado e presente se
confundem.

Entre os dados, o vazio espalhava-se devagar,
rio tranquilo que leva embora pedaços de mim,
a memória deixava de ser lugar seguro,
tornando-se suspiro, sombra que passa,
instante fugaz que escapa antes de ser contado.

Dedos deslizam pela superfície fria da tela,
buscando tocar o que já não se pode segurar.
Lágrimas invisíveis correm por fios silenciosos,
memórias líquidas escapando antes de se fixar,
pedaços de passado que se dissolvem no toque.

Vozes antigas ecoam entre códigos e sombras,
sussurros tentando se formar em palavras claras,
fragmentos caem como folhas ao vento,
separando-se, dispersando sentidos,
promessas de conexão que se desfazem na
distância.

Pedras soltas na margem do rio lento,
ondas apagando marcas, diluindo passos,
cada gota guarda um suspiro esquecido,
passado disperso dançando em reflexos
quebrados,
instante perdido na corrente do agora.

Códigos entrelaçados desfazem-se em silêncio,
histórias desaparecem em neblina densa,
versos se perdem no sopro do vento,
fio delicado que não segura o peso do tempo,
dança lenta entre ser e esquecer.

No espaço entre sinais, memória se esconde,
fumaça atravessa dedos vazios,
suspiro que não encontra forma,
ausência que se faz presença sutil,
eco de instante que escapa antes de ser dito.

Pastas antigas guardavam nomes apagados,
arquivos que pediam senha esquecida,
rostos sem legenda,
datas deslocadas,
como se a memória tivesse aprendido a mentir.

O vídeo tremia dentro da moldura,
linhas correndo pela tela,
a cena começava no meio,
acabava no escuro,
e deixava um espaço em branco no que eu
lembrava.

Números riscados no caderno de contatos,
vozes que atendiam dizendo não,
um eco no telefone
me devolvendo a dúvida
de se alguma vez houve conversa.

Folhas arrancadas no diário,
fragmentos de frases deixados para trás,
a caligrafia parecia de outro punho,
e talvez fosse:
um eu anterior que não voltei a encontrar.

Um disco gravado à mão rodava incompleto,
faixa começando tarde,
repetindo-se sem aviso,
e eu ouvia assim mesmo,
como quem aceita que a ausência também é
parte da música.

Mensagens impressas e guardadas em plástico,
acentos fora do lugar,
símbolos no meio das palavras,
um idioma quase conhecido,
mas que já não obedecia a nenhuma regra.

O álbum tinha espaços colados e vazios,
bordas marcando a ausência,
faltava mais que a figura,
faltava a lembrança
do instante que a colou ali.

Vinil encostado no canto,
riscado onde deveria haver silêncio,
a agulha tropeçava,
e o som vinha quebrado,
costurado com ruído e falta.

Cartas com a tinta lavada,
selos rasgados,
vozes presas na curva das letras,
corpo sem respiração
entre uma linha e outra.

A filmadora mostrava gestos interrompidos,
sorrisos que paravam no ar,
corte para a tela azul,
e o resto ficava no lado de fora
de qualquer lembrança.

Caixas sem tampa, numeradas à mão, cheias de vento.

Havia cartas, talvez fotografias, mas agora só um sopro atravessa.

O rótulo continua lá, teimoso,
guardando nada.

A janela piscava como um olho cansado,
esperando uma palavra que não chegava.
O cursor ia e voltava,
desenhando silêncio na tela acesa.

Caixas numeradas sem chave,
todas com o mesmo peso leve.
Não era segredo, nem tranca:
apenas ausência empilhada no escuro.

Fotos no Orkut com rostos quadrados,
olhos substituídos por blocos azuis,
comentários cortados no meio,
frases terminando em reticências
que nunca levaram a lugar nenhum.

CD gravável com a voz afogada
num chiado de mar sem ondas.
A faixa corria inteira,
mas o canto já se perdera na espuma.

E-mail devolvido:
“undeliverable”
endereço inexistente,
caixa postal removida,
página de erro como epitáfio.

Links que levavam a portas abertas
para quartos sem paredes.
O ar passava direto,
e não havia nada para prender o olhar.

Player de vídeo exibia a barra de progresso,
mas a imagem congelava no segundo 0:17,
som distorcido,
voz metálica,
e depois silêncio.

Mensagens de texto chegavam truncadas,
sem acento,
com caracteres trocados,
palavras transformadas em símbolos,
sílabas soltas como peças de quebra-cabeça
perdido.

Uma pasta chamada “memórias”
se abriu como álbum sem fotos.
Havia só as molduras coladas,
e um espaço onde o rosto não voltou.

Backup automático interrompido.

Mensagem: erro desconhecido.

A barra parou em 37%,

e dali em diante o tempo não gravou mais nada.

Tela do MSN piscando verde.

Contato offline.

Histórico apagado como lousa molhada.

Som de desconexão,

o quarto ficando maior.

Foto antiga reaberta:
metade de um rosto,
metade de um fundo cinza,
data errada impressa no canto,
história cortada no meio.

Arquivo documento_final(3).doc

não abre.

O programa sugere outro formato.

O texto vira sinais,

e os sinais viram ar.

Servidor indisponível.
Página acesa demais,
como se a luz tivesse apagado as palavras.
O que estava aqui
não está mais.

Celular vibrando na mesa,
número desconhecido.
A tela acende e apaga.
Chamada perdida.
Nenhuma voz na caixa postal.

Playlist no Winamp.

Música sem título.

A capa do álbum é uma mancha sem contorno.

O som lembra água longe,

ou talvez fita rebobinando devagar.

Pen drive esquecido no fundo da gaveta.

Ícones sem nome.

O clique abre só o silêncio,

e um reinício automático leva tudo de volta ao início.

Câmera digital de pilha fraca.

LCD apagando.

A última foto cortada ao meio:

céu azul na parte de cima,

pixels verdes na parte de baixo.

Conta de e-mail desativada.
Mensagem de boas-vindas sumida.
Nenhum rascunho salvo,
nenhuma assinatura —
como se nunca tivesse existido.

Abri a caixa de entrada.

Título certo.

Corpo — hesitei,

a linha fugiu para baixo
antes de terminar de ler.

Fotolog abriu devagar.
Primeiro o chão,
depois alguém,
o céu... não vi,
ou vi e apaguei.

Disquete rodando.
Frase inteira,
frase cortada,
frase... não lembro,
só o som de dentro.

Lista de nomes.
Risco um,
o de baixo troca de lugar,
volto ao primeiro —
não era o mesmo.

CD no aparelho.
Primeira música,
pulo,
metade refrão,
chiado,
vazio.

Pen drive piscando.
Pasta “fotos” → cinza.
Acho que era festa,
ou viagem,
ou nada disso.

Foto baixando...
rosto se dobra,
contorno cai,
resta um branco
com sombra.

Vídeo começa,
engasga,
repete,
a voz... não,
sumiu.

Histórico abre.
Resposta antes,
pergunta depois,
ordem quebra,
fecha.

Nada abre.
Nada resta.
Nenhum nome,
nenhuma cor.
Só o espaço
onde antes havia lembrança.

[Fim]

Às vezes, tento lembrar
e encontro apenas o gesto de tentar.

Não sei se as histórias sumiram
ou se fui eu que as deixei cair.

Talvez tudo esteja guardado
em algum lugar que não reconheço,
um canto onde meu próprio nome
já não responde quando chamado.

INTERLÚDIO I

Abri a gaveta mais uma vez.

O caderno azul continuava ali, com sua letra torta, seus nomes, suas cores, suas canções guardadas como se o papel ainda soubesse deter o que a cabeça já deixava escapar. Passei os dedos pela capa com um cuidado antigo, como quem espera que o tato devolva ao corpo uma parte do que o tempo levou. Mas a lembrança não veio inteira. Veio a sensação dela. Uma beirada. Um calor curto. A impressão de que havia, do outro lado da página, uma porta entreaberta para um lugar que já não se deixava atravessar.

O relógio digital ardia em vermelho sobre o móvel. Exato. Impassível. Os números mudavam como mudam as coisas que seguem sem precisar de ninguém. Fiquei olhando aquele brilho pequeno no escuro do quarto, e por um

instante me ocorreu que a memória talvez tivesse se tornado isso: uma sequência acesa, regular, sem corpo, passando diante dos olhos com a serenidade de quem não promete retorno.

Fechei o caderno.

Sobre a mesa, o telefone já não era o telefone. O computador já não era apenas máquina. Havia pastas, datas, nomes de arquivo, imagens salvas, documentos duplicados, discos guardando o que antes cabia numa gaveta, numa voz, num corredor de casa. Comecei a procurar ali o que não encontrava mais em mim. Uma fotografia ampliada até perder o grão. Uma música aberta de repente, como quem tenta chamar de volta uma manhã inteira. Um diretório com a palavra memórias piscando na tela, frio e organizado, como se a ordem pudesse substituir a lembrança.

Mas a tela também não devolvia o mundo.

Ela o oferecia em partes. Uma imagem aqui. Um nome ali. Um rosto congelado no instante errado. Um arquivo vazio. Um som metálico saindo de caixas pequenas demais. A cada clique, a esperança de recuperar alguma coisa. A cada clique, o mesmo afastamento. Como se o passado, ao entrar na máquina, tivesse trocado a espessura pelo acesso.

Fui ficando diante da luz.

Já não abria a gaveta com a mesma frequência. Abriam-se abas. Janelas. Pastas. Sugestões. Históricos. A mão que antes procurava fotografias passou a procurar ícones. O gesto era quase o mesmo. A inclinação do corpo, a expectativa muda, a pequena fé de que algo enfim se deixasse achar. Mas havia agora uma pressa nova correndo por baixo da busca. As coisas não apenas escapavam. Elas eram empurradas por outras coisas. Uma imagem chamava outra imagem. Um som já vinha coberto de outro som. Uma palavra surgia com

o brilho de quem pede resposta antes mesmo de ser compreendida.

O silêncio da casa mudou de matéria.

Continuava havendo quarto, mesa, cadeira, copo, janela. Continuava havendo tarde entrando pelo vidro. Mas no meio disso havia também o clarão súbito de uma tela, o aviso breve, a frase interrompida por uma novidade menor e mais urgente. Comecei a sentir que já não perdia apenas o passado. Perdíamos também o presente, aos poucos, em pequenas convocações que não deixavam nada pousar.

A lembrança, antes falha, tornou-se curta. A atenção, antes inteira, tornou-se salto.

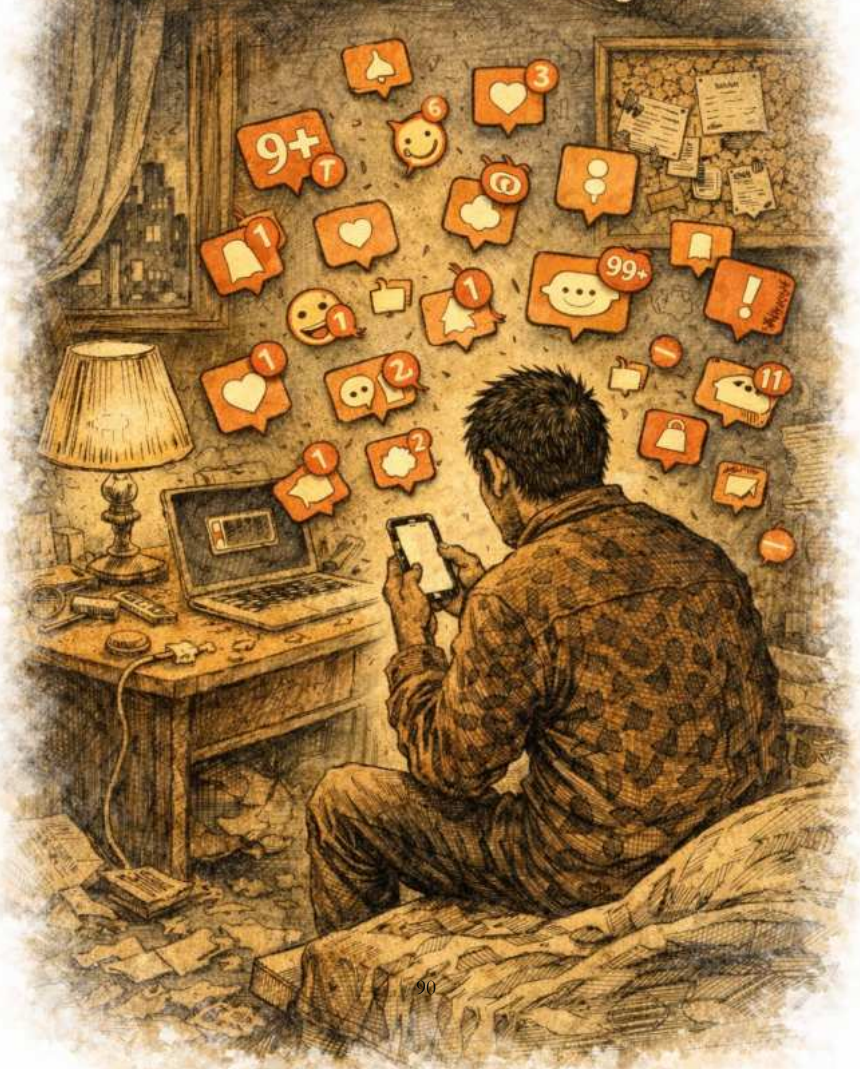
E então, quase sem perceber, comecei a esperar.

Esperar o som breve. Esperar a luz no canto da tela. Esperar o aviso. Esperar alguma coisa vir de fora e tocar o vazio antes que ele se fechasse outra vez.

A gaveta permaneceu entreaberta. O caderno azul, quieto. O relógio, vermelho.

Mas meus olhos já estavam em outro lugar.

SEM NOTIFICAÇÃO



[Início]

é só um monte de coisa que acontece.

abrir app.

fechar app.

esquecer o que ia fazer.

ficar olhando pra tela.

não sentir nada.

sentir um pouco.

nada muda muito.

mas tudo cansa.

é isso.

1.

queria escrever uma frase.
abriu o bloco de notas.
leu o que escreveu ontem.
não fez sentido.
apagou.

foi fazer café.
esqueceu na mesa.
abriu um vídeo.
tinha cinco minutos.
viu dois.
começou outro.
já tinha visto.

pensa em sair.
tá chovendo.
volta pro quarto.
abre o instagram.

aparece a mesma propaganda.
ri.
mas não de verdade.

2.

Fala com alguém.
A voz sai estranha.

A conversa trava.
Fingem que foi normal.

Depois, pensa nisso o dia inteiro.

Tenta dormir.
A cena volta.
Igual.

3.

Não é tédio.

É só tempo demais.

As horas passam.
O corpo fica mole.

Fica ali.
Sem vontade.

4.

mexeu no cabelo.
nem percebeu.

abriu a geladeira.
ficou olhando.

fechou.

abriu de novo.

também não sabia o que queria.

5.

uma ideia boa
chegou no banho.
você riu sozinho
como se falasse com alguém.

saiu rápido,
gotejando palavras.

mas ao secar o cabelo,

já não lembrava
nem do assunto.

só do susto
de ter pensado bonito.

6.

Dá play numa música triste.

Não está triste.

Mas combina.

depois,

fica.

tenta mudar.

outra faixa.

mais animada.

o corpo —

não.

só os fones

dançando no ouvido,

como se o som

pudesse convencer a pele.

7.

olhou o reflexo na tela preta.
não tirou foto.

mas por um segundo,
reconheceu o rosto.

8.

o dia acaba.

a mensagem ficou sem resposta.
você até lembrou,
mas já tinha passado o tempo certo.

as abas estão abertas.
a louça, suja.

entrou no perfil da pessoa.
saiu.

nada aconteceu.

fecha o notebook.
ele ainda brilha.

ficou algo ali.
mas tanto faz.

9.

Deita com o celular na mão.

A tela acesa.

Ninguém vendo.

O quarto quieto.

O peito também.

Pensa em amanhã.

Não termina o pensamento.

A notificação vibra.

Não abre.

10.

a notificação chegou
antes do toque.

como se o corpo
já tivesse sido avisado

pelo vento.

ou por um arrepio
que ninguém viu.

11.

acordou devagar.
a tela já acesa
fingia que era dia.

rolou até o fim do feed.
um vídeo besta
te fez rir de verdade.
mas só por dois segundos.

[tempo]

you were so long standing
that time passed over you
without even asking permission.

12.

digitou um textão.

apagou.

mandou só:

“vi aqui e lembrei de você”.

e foi o suficiente.

13.

o microondas apitou.
você não ouviu.
estava em outro vídeo,
ou mergulhado
no próprio atraso.

mas a comida ainda tava quente.

um prato quente
que esperou
melhor que muita gente.

14.

abriu a loja de apps.
tinha 12 atualizações.

clicou em “atualizar tudo”.
sem abrir nenhuma nota de versão.

nem quis saber
o que mudou.

só queria
que parasse de pedir.

15.

planejou tudo:
acordar cedo,
tomar café,
ler três páginas.

acordou no horário.
mas ficou deitado
olhando o teto —
onde a luz
fazia um risco torto.

não pensou em nada.
não fez questão.

e o dia começou
como um gole morno
que não queima,
mas fica.

[silêncio]

ficou quieto.

e foi bastante.

16.

um story com seu rosto.

@ mercado.

você não lembrava da foto.

mas parecia feliz.

curtiu sem pensar.

e seguiu.

17.

o céu tava laranja.
você pensou em tirar foto.
não tirou.
preferiu guardar
na parte da cabeça
que não compartilha.

18.

fez várias coisas hoje.
e nenhuma te cansou.
nem animou.

mas quando tirou a camiseta,
no fim do dia,
o tecido cheirava
a sol.

e você sorriu,
sem saber por quê.

[janela]

abriu a janela
só pra ver o tempo.

o ar veio frio
mas limpo.

você ficou um pouco ali,
com a mão parada
na cortina.

como quem
ainda não saiu,
mas já começou.

19.

fez o café
e colocou na garrafinha.
não ficou em casa.
desceu com ele
na mochila.

20.

a rua estava limpa.
o céu, sem querer,
parecia novo.

você pensou:
“devia sair mais”.

uma folha caiu bem devagar.
e pareceu que
tudo andava junto.

21.

sentou num banco
sem plano.
só pra ver gente passar.
achou bonito um boné azul.
deu vontade de ter um igual.

22.

o fone tocava alto.
mas você tirou um lado
pra escutar o que vinha da rua.
era um barulho bom.

uma gargalhada de criança.
ou um sino.

não deu pra saber.
mas ficou dentro.

23.

entrou numa loja pequena.

não queria nada.

mas achou um chaveiro

com seu signo.

comprou.

24.

mandou áudio andando.

falou rindo.

esqueceu o que ia dizer no meio.

mas continuou.

quem ouviu entendeu.

25.

uma criança caiu perto.
você disse “tá tudo bem”
antes da mãe chegar.
ela levantou sorrindo.
e foi brincar de novo.

26.

um cartaz torto na calçada
dizia:

“sorria, hoje tem sol”.

mas tava nublado.

mesmo assim,
você sorriu.

27.

pediu um suco de melancia
num copo grande.
sentou numa mesa de canto.
sem pressa.

o suco tava perfeito.
e o bar tocava
uma música antiga
que sua avó cantava.

28.

um cachorro seguiu você
por meia quadra.
sem dono, sem coleira.
parou na esquina,
como se dissesse:
“já tá bom”.

29.

voltou pra casa
com a mochila leve,
o corpo mais solto,
e um número novo salvo
sem saber se vai usar.

[rua]

tinha vento,
barulho,
gente.

mas nada disso
interrompeu você.

só fez companhia.

30.

o barista perguntou seu nome.

você disse.

ele errou na escrita.

ficou engraçado.

e o café, ótimo.

31.

alguém esbarrou em você
no meio da calçada.
foi sem querer.
mas o toque
ficou por uns segundos.

32.

feira no bairro.

mexericas,
um pão quente,
uma senhora gritando,
cheiro de peixe,
caldo de cana,
criança com bexiga,
um cachorro solto,
uma frase boba num saco plástico.

você,
no meio,
com tudo isso nas mãos
e nenhum saco.

riu.

e o riso
cheirava a casca de laranja.

33.

o celular vibrou
no bolso de trás.
você demorou pra olhar.
foi só um sticker.
e mesmo assim, sorriu.

34.

sentou na escadaria
pra esperar um amigo.
chegou um vento leve.
e uma música
de outro lugar.

35.

alguém acenou de longe.
não era com você.
mas você acenou de volta.
só por reflexo.
deu certo.

36.

a conversa foi boa.
sem pausas longas.
sem assunto demais.
mas no fim
teve abraço.
e não foi pouco.

37.

ficou com glitter na mão
de um copo que pegou.
não limpou.
foi embora com ele.
brilhava discreto
no metrô.

38.

mandaram uma playlist.

ouviu inteira.

sem pular.

salvou duas faixas.

e o gesto.

39.

voltou tarde.

abriu a janela antes de dormir.

o vento entrou.

trouxe um cheiro bom

de alguma coisa viva.

40.

marcaram às três.
chegou três e dez.
tava tudo bem.
o outro também se atrasou.
e ninguém pediu desculpa.

41.

teve piada interna.

riso sincero.

copos batendo sem querer.

migalhas na blusa.

fotos borradas.

foi bom.

42.

passou numa banca.
comprou um adesivo
com uma frase boba.
colou no espelho.

no primeiro dia,
riu.

no segundo,
leu sem querer.

no terceiro,
acreditou.

e agora,
toda vez que escova os dentes,
sente que foi a frase
quem acordou primeiro.

43.

recebeu um convite esquisito.
topou.
não entendeu direito.
mas foi.
e no fim,
valeu.

44.

passou por alguém chorando
no ponto de ônibus.

não disse nada.
mas andou mais devagar.

como se os passos
pudessem costurar o ar
em volta da pessoa.

e deixar ali
um pedaço de mundo
menos cortante.

45.

segurou a porta do elevador
pra alguém.
ganhou um "obrigado"
com sorriso.
guardou o som do r
até o décimo andar.

46.

pediu delivery com outra pessoa.

discutiram o molho.

pediram dois.

ninguém cedeu.

e ninguém brigou.

47.

viu uma planta caída na calçada.

reergueu o vaso.

bateu a terra com a mão.

não era sua.

mas ficou de pé.

[nuvem]

uma ideia morna / no meio do banho.

era quase boa.

você disse algo em voz alta —

mas nem você entendeu.

48.

jogaram conversa fora
por chamada de vídeo.
o enquadramento era péssimo.
mas a companhia,
exata.

49.

recebeu um áudio cantado.
não afinado.
mas doce,
como quem manda flor
com raiz.

respondeu com um emoji,
um coração fora de contexto,

e um silêncio depois
que ainda tocava.

50.

fez nada o dia inteiro.
mas à noite,
percebeu:

o quarto estava cheio
de coisa quieta.

como uma xícara morna
esquecida na mesa,
ainda solta
no ar.

[presença]

não tinha frase.

mas o quarto
estava cheio de coisa dita.

51.

acordou antes do alarme.

ficou na cama

mais uns minutos.

sem pressa.

sem culpa.

52.

passou manteiga com calma
na fatia de pão.

nenhuma música.

nenhum fone.

só o som —
da faca
indo
e
voltando.

53.

tava chovendo.
não cancelou o rolê.
levou guarda-chuva
e vontade.

54.

deu bom-dia pro porteiro.
e perguntou o nome.
era simples.
mas nunca tinha feito.

55.

compartilhou um link
sem contexto.
só porque lembrou de alguém.
a resposta veio:
“eu já tava com saudade”.

56.

pegou na mão de alguém
no meio da rua.
sem foto,
sem legenda,
sem motivo.

57.

foi à livraria.
não comprou nada.
mas sentou,
leu um capítulo,
e ficou com o gosto da história
por dentro.

58.

voltou a um lugar antigo.
tudo estava diferente.
menos o jeito que você andava
por ali.

59.

o dia terminou limpo.
a cabeça também.
não teve pensamento demais.
nem de menos.
foi só o que era.

60.

desligou a tela.

mas ficou acordado
mais um pouco.

a luz do quarto
não vinha de fora.

e não fazia falta.

o corpo respirava leve,
como se soubesse
que hoje
bastou.

[fim]

o café esfriou
ao lado da tela

lá fora
um portão bateu

o celular acendeu sozinho
e eu fiquei olhando

quando apagou
o quarto pareceu maior

e eu não soube
se era silêncio
ou só o mundo

INTERLÚDIO II

No começo, ainda havia chegada.

A tela acendia, e alguma coisa vinha. Um nome. Um ponto vermelho. Um círculo. Um número. Uma frase curta. Um chamado qualquer capaz de organizar por um segundo o corpo inteiro em torno de si. Havia nesse lampejo uma promessa mínima, mas suficiente. A de que algo me alcançara. A de que eu ainda estava ligado a uma corrente invisível de vozes, rostos, respostas, intervalos preenchidos por sinais.

Fui vivendo assim, de clarão em clarão.

O café esfriava ao lado do teclado. As abas se multiplicavam. O vídeo parava na metade. A propaganda voltava como se já soubesse o caminho. O dia era empurrado por pequenos sobressaltos, e cada sobressalto trazia consigo a sensação de que, logo adiante, alguma coisa

enfim se completaria. Bastava mais um toque. Mais uma atualização. Mais uma resposta. Mais um giro daquele ícone no canto da página, girando como se atrás dele houvesse sempre uma revelação iminente.

Mas depois o brilho começou a falhar.

As mensagens chegavam tarde. A chamada caía no meio da frase. O som vinha cortado. A imagem congelava. A palavra não saía. A barra oscilava no alto da tela como uma respiração curta, insegura, doente.

Nada disso bastou, de início, para interromper o gesto. Ao contrário. Passei a olhar com mais atenção. A erguer o aparelho na direção da janela. A mudar de lugar dentro do quarto. A caminhar até a porta. A tentar o corredor. A voltar. Como se o corpo pudesse oferecer melhor posição a uma frequência que já chegava ferida. Como se a mão, ao insistir, pudesse convencer o ar a abrir passagem.

Foi aí que percebi a mudança.

Antes, eu esperava demais das notificações. Agora, eu esperava do próprio sinal. Já não se tratava da ansiedade pelo conteúdo, mas da precariedade do contato. O que estava em jogo não era mais saber o que viria. Era saber se viria. Se a frase atravessaria. Se a voz alcançaria o outro lado. Se ainda havia outro lado.

A casa voltou a se alargar em silêncio.

Só que era um silêncio diferente daquele de antes. Não o silêncio de quem guarda coisas, amadurece lembranças, deixa a tarde pousar sobre os móveis. Era um silêncio de suspensão. O silêncio entre uma tentativa e outra. Entre uma palavra e seu fracasso. Entre a tela acesa e o preto repentino que devolvia o quarto a si mesmo. Um silêncio atravessado por ruídos fracos, por conexões indecisas, por ecos metálicos de vozes que pareciam falar de muito longe, talvez do cômodo ao lado, talvez de outro dia.

Continuei andando.

Pela casa. Pelo corredor. Pela rua. Olhando o alto da tela como quem consulta um céu reduzido. Parando em certos pontos, como se ali o mundo respirasse melhor. Esperando que a barra subisse, que a mensagem saísse, que a música seguisse inteira até o fim de uma palavra.

Mas o que crescia, pouco a pouco, era outra coisa.

Não exatamente a falta. Antes, a rarefação. Um empobrecimento do vínculo. Uma presença tornada intermitente. Um modo de estar cercado por emissão e ainda assim experimentar distância.

As notificações tinham me ensinado o sobressalto. O sinal agora ensinava a falha.

E na falha havia alguma coisa mais funda. Porque quando o aviso não vem, o corpo ainda

espera. Quando a resposta atrasa, o corpo ainda imagina. Mas quando o contato mesmo vacila, alguma coisa se desloca no centro da experiência. O mundo inteiro parece passar a existir um passo aquém, como se tudo estivesse ali e, ao mesmo tempo, suspenso atrás de uma camada de ar que já não se deixa atravessar com facilidade.

Foi então que comecei a olhar para cima. Não para a tela apenas. Para fora dela. Para a janela. Para o corredor vazio. Para a rua. Para o céu.

Como se, em algum lugar acima da linguagem quebrada dos aparelhos, ainda pudesse haver uma forma mais limpa de recepção. Como se o mundo, depois de tanto ruído, ainda guardasse uma frequência muda, difícil, mas real.

A tela continuou acendendo. O bolso continuou vibrando às vezes. Os ícones continuaram piscando.

Só que agora eu já sabia.

A luz podia chegar sem trazer encontro. O som podia vir sem trazer voz. A frase podia partir sem alcançar ninguém.

E foi desse quase contato, dessa espera suspensa no ar, que o resto começou.

SEM SINAL



[Início]

um rascunho de tweet apagado,
o reflexo de um rosto na tela do YouTube,
três abas abertas — nenhuma com destino.

E então:
o silêncio.

Ou o que resta dele,
quando todas as notificações já se foram.

1.

a notificação vibra curta
no alto da tela

o sinal sobe e desce
como respiração

2.

plataforma cheia —
o grave do metrô
cobre o refrão que vaza
do fone esquerdo

3.

digito, apago,
volto a digitar

o cursor fica parado
como se esperasse algo

4.

a aba carrega
o ícone gira no canto

o motivo
já foi embora

5.

dois áudios se sobrepõem
apps diferentes

o sentido se perde
na mistura

6.

o elevador sobe
o painel troca números

meu reflexo,
coberto pela luz da tela

7.

chamada perdida —
número longo, desconhecido

fica na lista
como uma dívida

8.

a tela acende no bolso
me enxerga rápido

apaga
como se não fosse nada

9.

café frio ao lado do teclado

uma nova notificação
nenhum gole dado

10.

a frase aparece no feed
de novo na sugestão seguinte

o início
já não existe

11.

a resposta chega tarde
no histórico de mensagens

o intervalo entre nós
é feito de horas
e de nada para dizer depois

12.

fila silenciosa no caixa
os fones selam cada rosto

um olha para a tela do outro
sem saber
o que vê

13.

a página insiste em carregar
o ícone gira no canto

como se houvesse
algo precioso
por trás de tanto atraso

14.

leio a notícia inteira
e fecho

fica a sensação
de que não havia nada
mesmo com todas as palavras lá

15.

televisão ligada sem som
a legenda chega atrasada

monta uma história
que ninguém escreveu

16.

espero por algo indefinido

o progresso congela em noventa e nove por
cento

e ali fica

como se também

estivesse esperando por mim

17.

rolagem infinita
as horas se desfazem

o dia se apaga
sem que eu chegue ao fim

18.

a chuva cai lá fora
mas só existe pela câmera

cada gota achatada em pixels
como se molhasse apenas a tela

19.

antes de dormir
olho o celular

o quarto escurece ao redor
até esquecer
que eu queria dormir

20.

a chamada cai
o som interrompido no meio da frase

fica preso na memória
como uma palavra
que nunca termina

21.

caminho sem destino
a cada esquina

o mapa mental se apaga
e a cidade
parece de outra pessoa

22.

escuto uma música
que não lembro de escolher

o refrão se instala
como se já fosse meu

e me lembro
de quando eu sabia
o que queria ouvir

23.

repito uma frase de alguém
com a certeza
de que pensei sozinho

só depois percebo
que não era minha

24.

assisto a um vídeo
até a metade

como se o resto
pudesse ser adivinhado
ou não importasse

25.

vejo um rosto
no reflexo de um vidro

não sei se é meu
ou se estou apenas
no enquadramento errado

26.

procuro o fone
que já não sei onde deixei

como se ele pudesse estar
em um bolso
que não é meu

27.

salvo por engano
uma foto antiga

passo minutos tentando lembrar
quem são as pessoas sorrindo

28.

sonho com desconhecidos
eles me chamam pelo nome

não sei responder

29.

reconheço a mesma rua
duas vezes no mesmo dia

com luz diferente
como se fosse outra

30.

envio uma mensagem
para um número errado

fico imaginando
se alguém vai responder

31.

alguém me chama por outro nome
e por um segundo

não sei se corrijo
ou aceito

32.

como sem lembrar do gosto
o prato vazio

parece mais real
que a refeição

33.

rio de uma piada
que não entendi

mas parece engraçada
na boca dos outros

34.

guardo um objeto
e depois não lembro

se era meu
para começar

35.

olho de novo para o mesmo cartaz
a cor já mudou

a data também

36.

a música volta no mesmo ponto
mesmo depois de fechada

como se me esperasse

37.

o vídeo sugerido se repete
a thumbnail me encara

com a mesma promessa

38.

pergunto algo
que já foi respondido

a resposta anterior
parece de outro tempo

e percebo
que não lembro
da voz que respondeu

39.

o silêncio ao meu redor
tem ruído de atividade

como se estivesse ocupado

40.

entro em um túnel sem cobertura
e é como se nunca
tivesse saído

41.

lembro de uma cena
mas o final mudou

não sei se foi sonho
ou se alguém
reescreveu para mim

42.

o letreiro da rua pisca
as letras trocam de ordem

como se anunciassem
outra cidade

43.

a chamada chega com atraso
o som corre atrás da imagem

nunca alcança

44.

repito uma frase
e percebo no meio
que não era minha

nem agora
nem antes

45.

ouço meu nome
dito errado

com uma familiaridade
que assusta

46.

uma foto conhecida
aparece em outra cor

o tom muda
a lembrança inteira

47.

o mapa do aplicativo
gira sozinho

a seta aponta para um lugar
onde nunca estive

48.

a voz no fone é metálica
parece falar uma língua
que conheço
mas não entendo

49.

no meio da frase
a palavra some

o silêncio ocupa
o espaço certo dela

50.

o vídeo congela
na melhor parte

me deixa preso
na expressão
que não se completa

51.

uma foto duplicada
ocupa dois lugares na galeria

como se uma
fosse sombra da outra

52.

recebo a mesma mensagem
com minutos de diferença

o texto é idêntico
a sensação, não

53.

alguém completa minha frase
mas o final é errado

soa mais verdadeiro
e dói um pouco
não ser eu
quem disse

54.

o semáforo pisca verde
e mesmo assim
todos param

55.

a risada chega atrasada
como se viesse
de outro cômodo

ou de outro dia

56.

toco no ombro errado
a pessoa me olha

como se me conhecesse

57.

o déjà vu acontece três vezes
na mesma manhã

as três
parecem a primeira

58.

a música acelera
sem que eu toque em nada

me deixa levar
como se fosse normal

59.

a imagem na tela se corrompe
e por um instante

reconheço meu rosto
nos pixels quebrados

60.

o ruído constante continua
mesmo quando
tudo está em silêncio

61.

caminho olhando a barra de sinal

como se pudesse mudar
só por me ver

62.

a mensagem não sai
fica presa na bolha azul

como um pensamento
interrompido

63.

a bateria desce rápido
como se algo estivesse sempre ligado

mesmo quando
não estou

64.

a conversa para no meio
o vento leva metade da frase

não há como recuperar

65.

a tela acende sem toque
mostra algo por um segundo

volta ao preto

66.

olho para o céu
como se ali

houvesse sinal

67.

falo sozinho
no corredor vazio

68.

o ícone de conexão
pisca
no alto da tela

69.

a música corta
no meio
da palavra

70.

olhar para o céu 
esperando resposta

71.

falar sozinho 
no corredor vazio 

72.

sinal piscando  
no alto da tela 

73.

música cortada 🎵 🔊
no meio da frase

74.

passos  
mesma rua 

75.



sem motivo pra ir

76.



msg q volta

77.



como se fosse meu

78.



nd p/ carregar

79.



n sei p/ onde

80.



[Fim]

A tela apagou.
Agora só resta o mundo —
devagar, sem avisos, sem like.

Você olha pela janela.

Alguém ri na rua.

É o suficiente.

EPÍLOGO

Depois do apagamento, os olhos ainda voltaram ao mesmo ponto da mesa, quase sem intervalo, como se a luz pudesse falhar só por um instante e tornar logo depois, corrigindo o vazio que deixara. Não tornou. O olhar ficou ali mais do que ficaria diante de qualquer coisa já terminada, demorando-se sobre o lugar exato onde antes havia corte, clarão, pequena ruptura da hora. Depois saiu, correu devagar pela madeira, tocou a sombra do quarto, foi até o vidro da janela e voltou outra vez ao mesmo ponto, obedecendo a um reflexo que ainda não sabia ter perdido objeto.

A mão permanecia perto demais. Não tocava o aparelho, mas também não se afastava dele com naturalidade. Os dedos se moveram um pouco, pararam, tornaram a mover-se, como se o gesto, treinado por repetição demais, continuasse procurando o caminho mesmo depois de

fechado. Havia nessa hesitação uma espécie de falha exposta, pequena, doméstica, quase ridícula em sua escala, mas inteiramente verdadeira. O corpo ainda estava cheio do hábito. A tela se apagara. O gesto não.

O minuto seguinte custou mais do que os anteriores. Custou porque já não vinha recortado em avisos, em brilhos breves, em pequenas convocações que, por mais pobres que fossem, dividiam o tempo e o tornavam suportável em pedaços. Agora o minuto chegava inteiro. E inteiro pesava de outro modo. O quarto, sem o corte da luz, avançava sobre o corpo com uma presença mais espessa. A cadeira incomodava sem ter mudado de dureza. A mesa parecia mais larga. O ar entre uma coisa e outra deixava de ser simples intervalo e se tornava matéria, extensão, espaço que a atenção precisava atravessar sem ajuda.

Os olhos tornaram mais uma vez ao ponto apagado. Depois outra. Já não havia propriamente esperança nisso. Havia insistência.

Havia o reflexo nu do hábito, essa obediência sem sentido que continua no corpo quando o objeto já cessou. A mão quase foi até o aparelho. O gesto chegou a nascer no punho e morreu antes dos dedos. Ficou um resto disso no braço, uma prontidão interrompida, uma tarefa sem uso. O corpo mudou um pouco de posição na cadeira, não para descansar, mas porque permanecer assim tinha ficado difícil. Mudou de novo logo depois. E em cada ajuste havia a mesma insuficiência, como se nada encaixasse direito no minuto inteiro.

Do lado de fora, a noite seguia onde sempre esteve. Não vinha ao encontro. Não respondia. Permanecia aberta, baixa, atravessada por um rumor já gasto que às vezes passava pela rua e se desfazia antes de chegar inteiro. O vidro recebia esse lado de fora sem fazê-lo entrar, e o quarto continuava de pé na sua própria sombra, com a mesa, a cadeira e o corpo ainda acordado no meio. Os olhos foram até a janela, demoraram-se um pouco na distância sem promessa e voltaram depressa, como se ali também não

houvesse pouso. O lado de fora seguia fora. A distância continuava distância. E o corpo, sem o próximo clarão para cair dentro dele, começava a sentir quanto custava atravessar uma hora sem esse pequeno desvio.

A mão deslizou alguns centímetros pela madeira, só para encontrar debaixo dos dedos alguma coisa que resistisse. Ficou na beirada da mesa por um tempo, aberta, pousada sobre uma superfície que ao menos devolvia peso e frio sem exigir resposta. O aparelho seguia ao lado, quieto em sua inutilidade recente, e essa quietude parecia mais incômoda do que fora, minutos antes, a sua chamada. O olhar desceu até ele e subiu outra vez, rápido, como quem evita tocar numa ferida sem conseguir deixar de medi-la. Nada acendia. Nada vibrava. Nada partia o escuro.

Então o corpo respirou mais fundo, não por alívio, mas porque a inquietação já não cabia direito só nos olhos e nas mãos. O ar entrou devagar, encontrou por dentro esse cansaço

espalhado, sem ponto único, e saiu sem levar nada embora. Havia um desconforto miúdo no modo de ficar, uma irritação sem gesto largo, uma espécie de impaciência vazia que não se convertia em ação porque já não havia ação disponível à altura dela. O corpo permanecia ali, e essa permanência, que em outra hora poderia parecer simples, agora se tornava difícil de suportar sem a interrupção seguinte.

Alguma lembrança passou por dentro quase junto disso, mas não veio inteira. Não abriu cena, não trouxe voz completa, não fez regressar nada em forma acabada. Foi só uma proximidade breve, um calor torto, um quase de alguma coisa antiga que roçou e saiu antes de ganhar contorno. Ainda assim, bastou para ferir mais do que uma lembrança inteira feriria. Sem o próximo brilho para quebrá-la, a passagem ficou mais exposta, e o corpo a sentiu sem conseguir segui-la nem afastá-la. Por um instante, havia duas faltas ocupando a mesma hora: a do clarão que não voltava e a da

lembança que não chegava a existir por completo.

Veio então outro minuto. Veio inteiro também. E depois outro. Em cada um deles a mão quase tornava, os olhos quase esperavam, a atenção quase encontrava um ponto onde cair. Não encontrava. Ficava girando em torno do mesmo vazio, tornava ao mesmo lugar, saía dele, voltava, como se o corpo demorasse mais do que a própria noite a aceitar que o escuro, agora, não seria interrompido. A abstinência começava assim, não como decisão, nem como gesto de recusa, mas como esse resto aceso do hábito dentro da ausência, como essa pequena dor sem frase e sem grandeza, espalhada entre os dedos, o olhar, a cadeira, a demora, o quarto inteiro subitamente mais próximo do que era possível suportar com facilidade.

E a hora continuou. Continuou com os olhos ainda voltando. Continuou com a mão quase indo. Continuou com o corpo mudando um pouco de posição e não encontrando melhora.

Continuou com a noite do lado de fora, aberta o bastante para que nada viesse quebrar esse início.

NOTA BIOGRÁFICA

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo *Ars Verbi™*, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se *“Cinco Formas”*, *“Diálogos”*, *“Buscando a Borges”*, *“Ashes of Bronze”* e *“O Livro dos Restos”*. Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

COLOFÃO

Este livro foi composto em EB Garamond, projeto tipográfico de Georg Duffner (2008), inspirado na tradição garamondiana talhada por Claude Garamont (c. 1480–1561), em Paris. Escolheu-se esta letra porque ela também carrega memória: cada traço é um eco de séculos, cada curva, uma sobrevivência. Assim como as palavras que habitam estas páginas, a Garamond chegou até aqui atravessando esquecimentos, reedições, apagamentos. Manteve a forma mesmo quando o mundo mudou de suporte. Talvez seja isso que uma letra possa fazer: segurar o instante sem desabar.

Nesta obra, *Brain Rot* designa o estado de saturação cognitiva produzido pelo consumo contínuo de fluxos digitais. Esta trilogia observa esse fenômeno onde ele se encarna: na memória que falha, na atenção que se dispersa, na experiência cotidiana que perde contorno e, ainda assim, insiste.

Alguns poemas utilizam símbolos gráficos digitais, como *emojis*. Em dispositivos que não suportam esses caracteres, a visualização pode variar.

Edição Digital *Ars Verbi™*, Lapa, Paraná, março de 2026.

SEM MEMÓRIA

Este livro foi esquecido
antes de ser escrito.

SEM NOTIFICAÇÃO

Este livro foi escrito devagar,
em dias comuns,
entre um app e outro.
Nenhuma palavra pediu atenção.
Nenhuma frase quis se explicar.
Foi tudo ficando
até virar página.

SEM SINAL

sem sinal
mas alguém leu

